



ΟΙΚΟΥΜΕΝΙΚΟΝ ΠΑΤΡΙΑΡΧΕΙΟΝ

Ἱερά Μητρόπολις Μπουένος Ἀϊρες καὶ Νοτίου Ἀμερικῆς

Lerma 260. C1414AZF CABA. Argentina. Τηλ. +54 11 45085402-04. www.ortodoxia.com.ar

HOMILIA

IV Domingo de Mateus

Pelo Arcebispo Metropolitano Iosif de Buenos Aires e América do Sul

«Senhor, não sou digno de que entres em minha casa».

A perícope evangélica de hoje se enquadra, evidentemente, na coesão litúrgica e conceitual de todo o período pós-Pentecostes. O fato descrito é uma «*teosemia*», isto é, um «*signo-sinal*» divino.

Novamente o fato ocorre em Cafarnaum, na Galileia das gentes, naquela região marcada por uma diversidade étnica digna de ser sublinhada, já que é onde o *Cristo-Messias* haveria de se estabelecer e iniciar os Sinais - teosemias - de que verdadeiramente o Reino havia chegado. Certamente, o fato de ter se estabelecido naquela região não é certamente por acaso, mas tem a ver com a essência da missão-salvação: *proclamar-revelar* o Reino a todas as gentes. Galileia, um «*microcosmos*», um «*caldo de Cultura*», se se prefere, que é resinificado no pós-Pentecostes com a *saída* de todos os teóforos Apóstolos aos confins da ecumene. *Galileia, pois, converte-se no símbolo da universalidade da missão do Cristo-Messias.*

Efetivamente, Jesus é um grande revolucionário. Vem romper os limites da religião oficial de Israel que os fariseus sustentavam e conservavam com todo o seu poder. «*Não pensem que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim para fazer que 'o homem fique contra seu pai, a filha contra sua mãe, a nora contra sua sogra; os inimigos do homem serão os da sua própria família*» (Mt 10:34-36). Sim, sem dúvidas, a pessoa de Jesus é controvertida. E não poderia ser de outra maneira. Esse Jesus não é um «*rabino de salão*» ou um «*burocrata da Fé*»; ou «*manager do espírito*»; não é um «*guru*» tão pouco um «*líder*

religioso». Não! É a encarnação - aqui e agora - desse Reino, dessa nova Dimensão já anunciada por João no deserto. Essa nova Dimensão «*advém*», «*irrompe*» e, por isso, provoca um estrondoso choque com o *formato* de uma etapa que *deve* culminar com este Advento.

Sim, o Precursor começou a pregar no deserto, - e isto, tampouco, é casual -. Jesus começa nesta região cosmopolita, na diversidade, na pluralidade, na complexidade de uma sociedade que já transcende os limites daquela religião que deve *render-se* ante este Advento e *dar lugar* a esta nova realidade que, paradoxalmente, nasce de seu próprio seio¹. Jesus, O de Nazaré vem cumprir toda a justiça do Pai, isto é, inaugurar, não uma nova religião, mas o Reino de Deus, e fazer desembocar naturalmente antiga lei de Israel naquela abertura. «*Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerras, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção*» (Hb 9:11,12).

A mudança de frequência - para dizê-lo em termos atuais - entre um pacto e o outro é de dimensões incalculáveis. De fato, o único que pode fazê-la é o próprio Deus, o *Cristo-Messias*. Um dos tantos aspectos da mudança de frequência é a amplitude - e a profundidade - de um pacto e de outro. Deve-se sair da «*exclusividade*» de Israel para alcançar a «*abertura*» total do Reino. Deve-se realizar a passagem do símbolo - Israel - à realidade simbolizada - a Igreja. E, por esta razão, o necessário do *conflito*, o natural do *revolucionário*, o ineludível do *escândalo*: «*Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos*» (1Cor 1:23).

Neste contexto, chegando Jesus a Cafarnaum, seu lugar de residência, vem ao seu encontro um centurião o centurião era um forasteiro, não era hebreu e, ainda pior, era um conquistador que oprimia o seu próprio povo. O encontro por si já é incômodo, e suspeito é o diálogo. Jesus, o de Nazaré, livre de todo o preconceito étnico, político, cultural etc., escuta o clamor daquele homem e, naturalmente se oferece a ir a sua casa do centurião para lá operar a cura. *Jesus leva a situação ao extremo*: ir na casa do dominador para lá curar o seu filho? «*Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas*

¹ «*Assim sendo, ao falar de nova aliança, tornou-se velha a primeira. Ora, o que se torna antigo e envelhece está prestes a desaparecer*». (Hb 8:13).

iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados» (Is 53:4,5).

Porém, a disposição de Jesus não se dá por causa da resposta do centurião: *«Senhor, não sou digno de receber-te sob meu teto; basta que digas uma palavra e meu criado ficará são. Como também eu estou debaixo de ordens e tenho soldados sob o meu comando, e quando digo a um 'Vai!', ele vai, e a outro 'Vem!', ele vem; e quando digo ao meu servo: 'Faze isto', ele o faz»* Isto não é senão a confissão da divindade de Cristo, fazendo uma analogia com sua ocupação militar, essa confissão é suficiente para que o filho seja curado. Diz Mateus que Jesus se *«maravilhou»* com a confissão e, sobretudo, com a fé do Centurião. *«Em verdade vos digo que, em Israel, não achei ninguém que tivesse tal fé»*. Jesus se maravilha com a fé de um dominador estrangeiro, isso não escandaloso?

Porém, O de Nazaré não apenas se admira da fé do estrangeiro: *«Mas eu vos digo que virão muitos do Oriente e do Ocidente e se assentarão à mesa no Reino dos Céus, com Abraão, Isaac e Jacó, enquanto os filhos do Reino serão postos para fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes»*.

Logo, profetiza. Revela a nova dimensão que fora inaugurada: a Igreja. *«Do Oriente e do Ocidente»*, isto é, dos confins de toda a terra virão e se sentarão com os pais de Israel e os supostos herdeiros daqueles que serão lançados fora. *Isto não é inaudito para um judeu da época? Extraordinário e, ao mesmo tempo, desafiante.*

Assim como o próprio Reino.

Inaudito e desafiante - à época - e também hoje: *«E, desde os dias de João, o Batista, até agora, se faz violência ao reino dos céus, e pela força se apoderam dele» (Mt 11:12).*

